

Em memória da Noemi Mónica



Não te conheci pessoalmente. Sou apenas amigo de teu querido e inconsolável pai, Dr. Adriano Magalhães. Quando soube da notícia, já estavas sepultada. Se antes o tivesse sabido, teria ido acompanhar-te na viagem serena que deves ter feito para junto do Pai do Céu.

Chamou-me a atenção o teu nome. Não sei se tinhas consciência de que Noemi, nome bíblico do Antigo Testamento da esposa de Elimelech, significa «minha amenidade». Imagino como terás sido, de facto, para teus pais, irmãos, avós e amigos como essas brisas suaves que nas tardes cálidas do Verão nos trazem a frescura que nos inebria. Por isso, deve ser mais pungente a saudade, neste momento, embora temperada ou dulcificada pela certeza de que estás em Deus. E também te chamavas Mónica, que foi a mãe de Santo Agostinho, aquela que rezou durante 30 anos pela sua conversão, conseguindo com a sua perseverança e fé em Deus que o seu filho tomasse o bom rumo, vindo a ser um grande doutor e bispo da Igreja, autêntico luminar que ainda hoje é seguido. A tua morte tão inesperada, depois de teres passado uns meses com as irmãs de Madre Teresa de Calcutá, valerá certamente tanto como as orações daquela de quem tiras o segundo nome. Se nos interrogamos como é possível que aconteça uma

morte assim, com alguém cuja vida é exemplar e tanto promete, é difícil encontrar uma resposta satisfatória. Só a fé nos pode ajudar a vislumbrar que os desígnios de Deus não são os desígnios dos homens. Só Ele sabe o que é melhor para nós e para os nossos. Por vezes, até conseguimos descortinar que, se o normal é as flores serem cortadas quando estão plenamente desabrochadas, também é certo que gostamos imenso dos cravos mesmo a abrirem-se. O jardineiro, quando quer oferecer um bouquet muito especial, vai escolher as flores mais belas. Tenho a certeza que tu eras uma dessas flores que o divino Jardineiro quis para o seu Jardim. Não quis que te machucassem e sujassem. Depois de tão bela preparação, morreste de acidente num local sintomático: a curva dos «prazeres». A vida tem destas coisas, e nós os humanos estragamos muitas. Até chamamos curva dos prazeres a uma curva que provoca a morte. Mas a tua morte, essa sim, se a conseguirmos ver à luz da fé que dimana de Cristo Ressuscitado, a tua morte, por mais desumana que possa parecer, foi um prazer, porque foi o culminar de uma vida cheia de ideal, de luta e cansaço por atingir a vivência do ideal evangélico.

Noemi Mónica será a partir de hoje um referencial para todos quantos sentem que vale a pena apostar pelos verdadeiros ideais. Se fosses uma jovem presa aos enganos mundanos e seduzida apenas pelo efémero, não escreveria hoje estas palavras que me saem do fundo do coração. Até porque, hoje mesmo, cumpro 48 anos de vida, o dobro dos que tu viveste, e gostaria de te ter como exemplo a seguir em dedicação aos mais desfavorecidos. E interrompi este escrito para atender um telefonema

que me dizia que me iam arranjar um emprego para um deficiente físico. Gostaria, sobretudo, de inculcar nos nossos queridos amigos que procurem levar uma vida orientada por estes verdadeiros ideais e que encontrem sempre o tempo necessário para crescerem cristamente, na certeza de que, se assim o fizerem, poderão não só saborear melhor o que o seu trabalho e esforço lhes proporciona, mas poderão sobretudo resistir ao pavor e ao medo da morte que se apodera de todos quantos organizam a sua vida a pensar apenas no possuir e no ter, dizendo que não têm tempo para a vida de oração, e que pouco interessa frequentar a Igreja, porque os que por lá andam não são melhores.

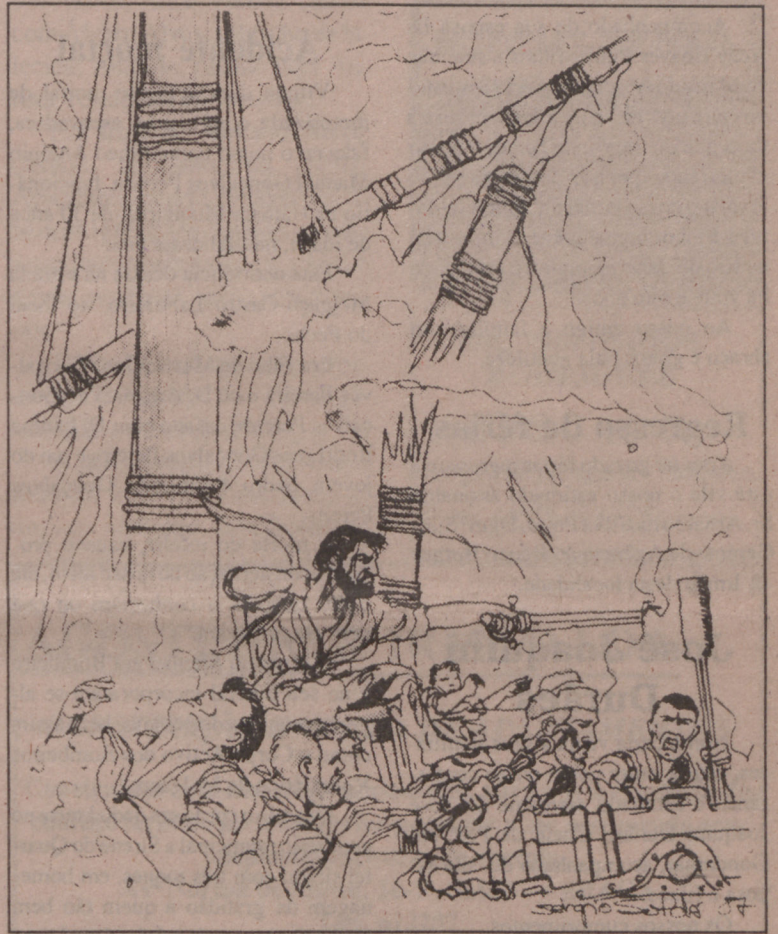
Noemi Mónica, pede a Deus nos ajude a ter força e coragem para seguir os verdadeiros caminhos que a fé cristã nos ajuda a conhecer, e intercede de maneira muito especial para que o Senhor mitigue a dor e saudade de teus pais, irmãos e demais familiares para quem especialmente eras «a amenidade» na dureza do caminho. Eles, mais do que ninguém, sentiram e sentem a tua falta. Continua a ser a Noemi, a sua amenidade.

A teu pai, Dr. Adriano Marques de Magalhães, nosso querido amigo, assinante e benfeitor, a tua mãe e irmãos envio um abraço muito forte de solidariedade na dor e saudade, e de estímulo a que revivam a sua fé e esperança em Deus. Por mais densas que sejam as nuvens e as trevas, o Sol não deixa de existir e de ser imprescindível, além de nos oferecer sempre a sua luz e calor.

10-10-90
Carlos Nuno

Portugal e os Descobrimentos

D. Lourenço de Almeida



Nobre português, filho do primeiro Vice-Rei da Índia, D. Francisco de Almeida notabilizou-se pelos seus feitos heróicos no Oriente, entre 1506 - 1508.

Com a descoberta do caminho marítimo para a Índia e o consequente domínio do tráfico do Oriente pelos portugueses, os príncipes indígenas nossos inimigos e os mercadores muçulmanos procuraram combater ou iludir a disposição coercitiva dos portugueses. Para esse efeito, o Samorim reuniu uma esquadra de oitenta e quatro naus e cento e vinte galés com que se propunha opor-se às nossas armadas. Em Março de 1506, D. Lourenço de Almeida, por ordem do Vice-Rei, seu pai, saía-lhes ao encontro com 11 naus e, graças à superioridade da sua artilharia, desbaratava completamente as forças inimigas.

No entanto, o sultão do Egipto, gravemente ferido nos seus interesses e no seu prestígio pelo domínio português no Índico, mandou preparar uma armada de cerca de 1600 homens, com o apoio de Veneza. Surpreendido em Janeiro de 1508 pelas duas esquadras inimigas naquele porto, viu-se forçado a sustentar sozinho o combate com todas as forças coligadas. O próprio D. Lourenço foi durante o combate ferido mortalmente numa coxa mas, com ânimo sobre-humano, mandou que lhe ligassem a ferida, que o sentassem numa cadeira e atassem ao mastro grande, e continuou a comandar, até que outro projectil acabou com ele. O combate só terminou com a inutilização dos cem homens que compunham a tripulação. O nome de um deles, e dos mais humildes, o grumete André Fernandes foi pela fama conservado, pois, já finda a batalha, defendeu-se ainda sozinho durante dois dias num dos cestos-de-gávea da nau.

De «O Comércio do Porto / Rádio Renascença»

Bodas de Ouro Sacerdotais do Pe. Manuel José Rodrigues Afonso

Este sacerdote, natural da Peneda, Gavieira, dos Arcos de Valdevez, festeja durante este ano as suas Bodas de Ouro Sacerdotais. A sua entrega ao Senhor, no caminho do sacerdócio, fez-se com a ida do padre Matias Vaz, para pároco da freguesia da Gavieira. Encaminhou-se para a Casa da Adedela, onde estudou na Escola, regida pelo padre João Vaz, professor primário.

Daqui seguiu para o Seminário de Bragã, onde foi ordenado sacerdote em 21 de Julho de 1940. Foi logo colocado como pároco da Gavieira, em cuja função se encontra há 50 anos, acumulando o cargo de capelão do Santuário de Nossa Senhora da Peneda, sucedendo ao padre Matias Vaz.

Freguesia serrana, dispersa, sem comunicações fáceis até há poucos anos, o padre Zé, como é conhecido por todos, não descurou o pastoreio das almas, dando grande presença ao ensino da catequese.

Passam, pois, este ano, as suas Bodas de Ouro Sacerdotais, que o Sr. Bispo de Viana, D. Armindo honrou com a sua presença bem como o clero dos Arcos de Valdevez, quando da celebração eucarística com uma eucaristia de Acção de Graças no Santuário de Nossa Senhora da Peneda.

Associamo-nos ao acontecimento, ainda que com bastante atraso, e fazemo-lo com um abraço muito amigo de colega da Escola e Casa da Adedela, da qual o padre Zé foi hóspede.

Júlio Vaz

Atenção, Lavradores

Os prédios rústicos ou conjunto de prédios rústicos que são explorações agrícolas economicamente rentáveis, para serem partilhados, em herança, necessitam de um parecer favorável da Direcção Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho

DA VILA E CONCELHO

Novos assinantes

Numa curta visita à sua família, esteve entre nós o nosso conterrâneo Sr. Mário José Rodrigues de Lima, residente em MARKET — ST. NEWARK - NEW JERSEY (U.S.A.).

Este nosso amigo deu-nos o prazer de assinar o nosso jornal, bem assim como também adquiriu mais um novo assinante seu colega António José Rodrigues, que pagou os restantes meses de 1990 e o ano 1991.

Os nossos cumprimentos e gratos pela gentileza.

Melgacense radicado no Brasil há muitos anos visitou a sua terra

Acompanhado de sua esposa D. Ireny Chaves Pinho, filhos e sua mãe D. Maria do Nascimento Afonso, esteve entre nós, de visita à sua família e à terra que lhe serviu de berço, o nosso conterrâneo que nos deu o prazer de assinar o nosso jornal Sr. António Manuel Pinho, comerciante e industrial no Rio de Janeiro, onde está radicado há vinte e oito anos.

Ao nosso amigo e família, um abraço e gratos pela gentileza.

Regresso de férias

Após ter gozado férias regressou a esta vila o nosso estimado assinante Sr. Arnaldo da Silva Pinto, Dgmº Sub-Gerente da Agência do Banco Borges & Irmão desta localidade.

José Joaquim Durães

Numa curta visita a seus familiares, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José Joaquim Durães, Chefe da PSP em Gondomar, acompanhado de sua esposa e filhos.

Os nossos cumprimentos.

Operado à vista

Na clínica Santa Cristina de Orense — Espanha, foi submetido a uma operação à vista o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. José António Lourenço, comerciante desta vila.

Foi operador o distinto médico oftalmologista Sr. Dr. Carlos Fernandez (LOSADA), Assistente do "Instituto Barraquer" de Barcelona.

Ao amigo José António, desejamos pronto restabelecimento.

Jorge Fernandes Afonso

Em gozo de férias e de visita à sua família estiveram entre nós os nossos conterrâneos, Sr. Jorge Fernandes Afonso, Técnico de Telecomunicações da EDP, esposa D. Maria Fernanda Ferreira do Paço Afonso, funcionária do Aeroporto de Lisboa e filha Ana Carolina.

Os nossos cumprimentos.

Carlos Alberto Afonso

Acompanhado de sua esposa Srª D. Matilde Fernandes Afonso, esteve entre nós de visita a seus familiares e em gozo de férias o nosso conterrâneo estimado assinante e colaborador Sr.

Carlos Alberto Afonso, Técnico de Telecomunicações dos CTT aposentado residentes em Lisboa.

Os nossos cumprimentos.

Baptizado

Na Igreja Matriz desta vila, foi baptizada uma menina a quem foi posto o nome de Mariana, filha do Sr. André Domingues, funcionária da Escola Secundária e da Sr. Professora D. Eva Maria Rodrigues Martins Domingues..

Foram padrinhos os tios Sr. Bebião José da Costa, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, e a Srª D. Maria da Luz Domingues Martins, funcionária do Centro de Saúde.

Ao neófito desejamos muitas felicidades e a seus pais os nossos parabéns.

Acidente mortal

Vítima dum acidente mortal de motorizada contra uma escavadora, faleceu o nosso conterrâneo António Manuel Gonçalves Pereira, funcionário da Câmara Municipal, de 30 anos de idade, natural desta vila.

Esta ocorrência deu-se na estrada Melgaço-Castro Laboreiro, no local do Fecho.

Era filho de Manuel José Gonçalves Pereira e de D. Ângela Vaz Gonçalves Pereira, casado com D. Fátima Rodrigues Gonçalves Pereira e pai do jovem Pedro Raimundo Gonçalves Pereira.

A morte do infeliz, causou profunda consternação no nosso meio, em todos quantos o conheciam ou que com ele privavam.

O António Manuel era Bombeiro e no seu funeral incorporaram-se algumas centena de pessoas, bem assim como o Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Quando o corpo era dado à terra no cemitério municipal a Sirene do Quartel silvou com três toques, em homenagem de gratidão a quem tão bem soube honrar a terra e defender o Lema "Vida por Vida".

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Manuel Herédia Alves

Em gozo de merecidas férias esteve entre nós de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. Manuel Herédia Alves, Dgmº 1º Sargento da Guarda Nacional Republicana, Comandante do Posto de Ferreira do Alentejo, acompanhado de sua esposa D. Maria de Jesus Gonçalves Alves e filhos.

Os nossos cumprimentos.

António Fernando Cardoso.

De visita à sua família e a fim de fazer a vindima, esteve entre nós durante alguns dias, o nosso conterrâneo e estimado assinante Sr. António Fernandes Cardoso, esposa D. Paulina Cardoso e filhos, residentes em França.

Os nossos cumprimentos.

Virgílio Gomes de Sousa

De visita à sua terra bem assim como a seus familiares, esteve entre nós o nosso conterrâneo e estimado assi-

nante Sr. Virgílio Gomes de Sousa, acompanhado de sua esposa Srª D. Alexandrina Gomes de Sousa e outros familiares, residentes no Algarve.

Os nossos cumprimentos.

Aos inimigos dos animais

Há muitas pessoas que possuem canídeos em suas casas ou propriedades e que muito os estimam, estando os mesmos devidamente legais, seja vacinados ou com a respectiva licença e que esta não é nada barata. Por vezes, ou quase diariamente os seus donos a certas horas do dia, levam-nos presos à trela a dar uma volta para que os "bichos" relaxem os músculos.

A certos e determinados indivíduos de mau íntimo, causa-lhe má impressão, ver os canídeos na via pública, acompanhados dos seus donos.

Não se lembram eles, que estes são os maiores amigos do homem.

Parada do Monte — Outubro, 2 Emigrantes

Durante o mês de Agosto os caminhos da freguesia estavam sempre repletos de gente. O adro da igreja era um formigueiro de crianças. Agora voltou tudo ao normal. Os emigrantes aproximadamente metade da população, voltaram aos seus trabalhos.

Colheitas

Já estão quase totalmente recolhidos os frutos do ano. Graças a Deus, foram abundantes e de boa qualidade.

Catequese

Já principiou a catequese dominical. A hora é no fim da missa do dia. Como metade das crianças são emigrantes, somente ficam na catequese, desde os cinco anos até aos treze, assim distribuídas:

Classe inicial = 9. 1ª. Classes 4.

Segunda classe = 7. Terceira 11, divididas ainda em dois grupos. 4ª. classe = 8. Sexta Classe = 5.

São catequistas respectivamente as meninas: Arminda de Jesus Afonso, Maria da Graça Esteves, Maria Teresa Pires, Maria Gorete Domingues, Noémia das Dores Domingues e Dª Arminda da Conceição Domingues.

Cada classe tem a sua sala própria.

Rosário

Principiou no dia um. De manhã é às 5.30 horas. Começou bastante bem. A Igreja está cheia de devotos.

Também se faz a devoção de tarde, pelas 17.30. É mais para os idosos. Tem menos frequência. Vamos concluir com o Lausperene e a festa do Coração de Jesus no dia 27. Será precedido de tríduo por um distinto orador sagrado.

Actividades da Junta de Freguesia

O Plano de actividades para o presente ano está quase completo. Já foi bom. Fez-se terraplanagem da estrada do Carrascal, do Mourim, pelo lado da cidade; abriu-se a estrada do Cobelo, faltando fazer o pontão no Porto Lage e rompê-la na tapada do Sr. Salvador, o que ainda se espera seja este ano; calçeteu-se a paralelo a rua da Igreja, calçeteu-se à portuguesa o caminho do Porto do Rio, o caminho do Coto Santo, o caminho da Chão do Bezerra e

arranjou-se a cimento o dos Fojos.

Também se rompeu a estrada desde a Goldrozeira até aos Pousadouros. Agora ligar-se-á até ao Casal brevemente.

Casamentos

Realizaram-se nesta freguesia no mês de Agosto 8 e foram baptizadas 15 crianças.

Casamento Elegante



José António de Oliveira e Nathalie Denis

Na Igreja de Laigneville, em Seine — França, realizou-se no passado dia 15 de Setembro findo, o enlace matrimonial do sr. José António de Oliveira, agente comercial, filho do nosso estimado conterrâneo e assinante Sr. Amândio Joaquim de Oliveira (Maroto), Chefe de Chantier, e de sua esposa D. Adozinda de Jesus Soares, com a menina Nathalie Delfhine Denis, de nacionalidade francesa, filha do sr. Jean-Claude Denis e de sua esposa Mme, Andrée Marie Gardinier.

Serviram de padrinhos por parte do noivo, o sr. José António Esteves da Rocha e esposa D. Rosa Maria de Araújo Martins e por parte da noiva o sr. Laurent Jacques Aknin e esposa Mme Beatrice Micheline Gardinier.

Findo o enlace, dirigiu-se o cortejo nupcial para o Restaurante "Chateau", de Nogent-Sur-Oise, onde foi servido um primoroso almoço a inúmeros convidados.

Aos recém-casados, que são dotados de excelentes qualidades, desejamos uma perene lua de mel e as felicidades de que são dignos.

Transladação

Do cemitério de Creil-França, onde fora sepultado em 1976, foram translada-dos para o cemitério desta vila, os restos mortais do nosso conterrâneo sr. António de Oliveira (o Cerinha), onde agora repousa junto de sua esposa Floripes da Silva Cintrão.

Foi acompanhado pelo seu filho sr. Amândio Joaquim de Oliveira, que propositadamente se deslocou daquela cidade até à terra da sua naturalidade.

VENDE-SE QUINTA DA BOUÇA NOVA

(Junto à estrada nacional) MELGAÇO

Tratar- com Maria do Céu Vieites Alves PRADO Tel 42431

«A VOZ DE MELGAÇO»

«A VOZ DE MELGAÇO»
PROPRIETÁRIOS
ANTÓNIO LUIS VAZ E
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector
CARLOS NUNO
SALGADO VAZ

REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:

Largo da Senhora-a-Branca, 105
- 4700 BRAGA - Tel. 25284

Composto e Impresso em Offset
Empresacoop-R. Bernardo

Sequeira, 591-Tel: 79 850
Braga

Assinatura (Anual):
1.000\$00

Aos assinantes que
recebem o jornal com uma

3ª dobragem ou cinta mais
500\$00 por ano.

Continuação da 2ª pág.

Necrologia



Virgílio José Pedro de Sousa

Com apenas 62 anos, e depois de muito sofrimento, pois esteve 9 anos inválido, faleceu em Lisboa, no dia 25 de Setembro aquele que era o marido da nossa conterrânea Maria Ermelinda de Almeida, mais conhecida pela Menni. O senhor Virgílio era pai de José Luís Almeida de Sousa, sub-inspector da Polícia Judiciária e professor da escola de agentes da Judiciária, em Loures.

D. Iracema Almeida, também nossa assinante, viúva, é uma das cunhadas.

São também cunhadas as senhoras D. Maria Olinda de Almeida, casada

com Manuel Dias, e Esperança do Céu Almeida, casada com Hilário Batista Reis, pais de João Carlos Almeida Reis, sobrinho, portanto, do falecido.

Família numerosa em primos e primas, todos souberam estar presentes, bem como muitos outros amigos no dia 26 de Setembro, dia do funeral, para acompanhar o falecido com as suas orações e testemunhar à viúva a solidariedade e presença que tanta ajuda dão nestas ocasiões tão difíceis.

"A Voz de Melgaço" apresenta à D. Maria Ermelinda, a seu filho e demais familiares sentidos pêsames, associando-se nas orações de sufrágio e também no pedido ao Senhor de que acompanhe com mão terna quem souber dar tanta ternura e carinho sobretudo durante os últimos anos de vida do senhor Virgílio para que o sofrimento causado pela invalidez não fosse tão duro e difícil. O cristão deve ser sempre o homem da esperança.

E quando soube ajudar os outros nos momentos de dor e sofrimento acaba por sentir algo que não sabe explicar mas que sente ser verdade: — a felicidade verdadeira, aquela que brota e se manifesta em quem sabe estar ternamente ao lado de quem sofre.

Obrigado D. Maria Ermelinda pelo seu belo exemplo!

Rouças

Colheitas

Este ano foi muito bom em vinho. Houve alguns problemas para o acomodar todo, quer para quem o faz na própria adega quer para quem o manda para o cooperativa. Nesta, passaram-se coisas incríveis. Fruto de uma falta de planificação cuidada, esteve fechada por várias vezes, uma das quais durante uma semana. Por mais razões justas que invoque, e foi verdade que os tonéis de fermentação encheram depressa demais e não deram vazão necessário, assim como também foi certo que avariou o camião-cisterna que transportava o vinho para outras adegas, o certo é que é insustentável que, com a falta de pessoal que há e com a dificuldade acrescida de poder contar com ele na data certa, se chegue à véspera da vindima marcada e se diga que a Adega fecha dois dias, ou, pior ainda, que fecha uma semana. Nem vale a resposta de que mandem os homens cortar milho! O problema é de planificação atempada. Vimos no Nordeste Transmontano como cada lavrador sabia o dia em que devia vindimar. Sobretudo para anos abundantes, é absolutamente indispensável que se faça algo de parecido em

Monção para evitar tantos prejuízos e dificuldades, sem falar já em ter que esperar 10 e mais horas para ser atendido.

O milho, além de pouco, está muito bichado. É ano muito fraco de milho.

e a certeza das nossas preces junto de Deus pelo eterno descanso da sua alma.

Manuel Pinho

Faleceu no lugar da Verdade, com 78 anos, o senhor Manuel Pinho, viúvo. Era pai de João Cândido Ferreira de Pinho, funcionário do BPA em Braga, casado com Maria Isabel, funcionária dos CTT, com dois filhos, o João Filipe e a Dulce Cristina. O outro filho, Manuel Ferreira Pinho é proprietário e reformado, residente na Verdade. Falecido no dia 6 de Outubro, o funeral realizou-se no dia seguinte para o cemitério local após missa de corpo presente.

A seus filhos, sobretudo ao João, que melhor conhecemos, e a sua nora e netos os nossos sentidos pêsames.

Falecimentos

Maria Alves.

No lugar do Crasto, com 81 anos, faleceu a senhora Maria Alves, esposa do querido amigo e assinante Martins de Barros.

Era mãe de Manuel Martins de Barros, casado com Margarida, e residentes em Monção; de Rosa, residente em França, viúva; Simplicio, casado com Susana, e tendo dois filhos; Alice; Fátima, casada com Álvaro Alves, sobrinho da falecida; António, casado com Aurora, residentes em Surribas.

Era irmã de António Alves, casado, residente na Igreja; Agostinho, casado, residente também na Igreja, Maximiano, casado e residente ainda na Igreja, e Isaura Alves, residente no lugar de Oleiros.

O seu funeral foi muito concorrido e também foi muito solenizada a missa do 7º Dia.

A seu marido, filhos, netos, bisnetos e demais familiares as nossas sentidas condolências

NOTÍCIAS DA MAIA

Festejou o decimo aniversário de existência o "Notícias da Maia" motivo por que o saudamos e felicitamos, desejando-lhe longa vida.

DR. OLIVEIROS RODRIGUES

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro

MELGAÇO

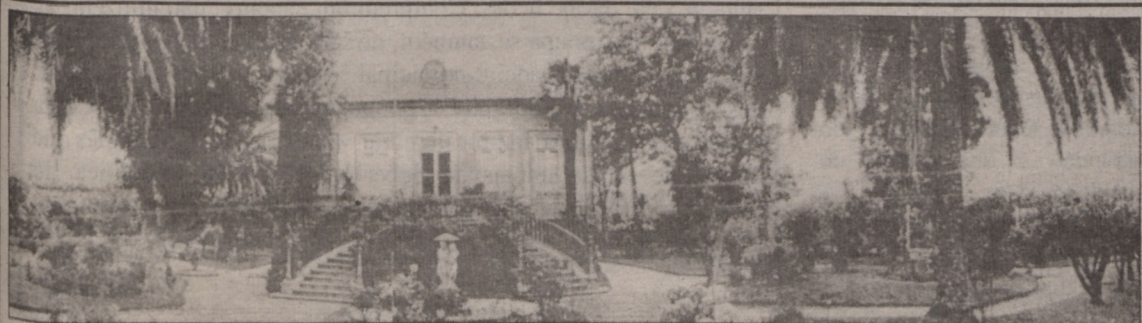
Pagamento

Acabamos de receber para pagamento da assinatura da saudosa Dª Estefânia Gomes Viana a quantia de 4.000\$00 (quatro mil escudos), pagamento este que efectua seu filho Victorino Manuel Esteves. Recordamos com saudade o nome de Dª Estefânia, a quem tanto o jornal ficou a dever a esta bondosa senhora que faleceu em São Paulo a 24 de Junho de 1985 com a risonha idade de 107 anos.

O nosso muito obrigado ao sr. Victorino Manuel Esteves, bem como à restante família, pois jamais nos esqueceremos de tão nobre Senhora.

LEIA

"A VOZ DE MELGAÇO"



VENDE-SE EM MELGAÇO

A 1Km do centro, junto à estrada nacional, com pomar, lagos, vinha e jardins.

Área de cerca de 5.000m².

Informa: João Hilário Gonçalves — 42278 — Melgaço

O Próprio — 326999 — Lisboa

MÓVEIS SAMEIRO, L.da

MOBÍLIAS - ESTOFOS E DECORAÇÕES

OFERECEMOS:

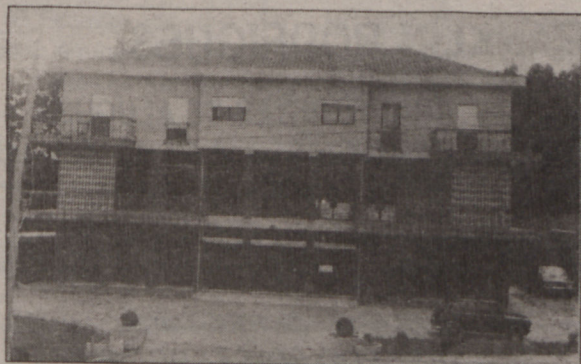
* QUALIDADE

* GARANTIA

* CONFORTO

* OS MELHORES

PREÇOS



VISITE-NOS E FICARÁ CLIENTE

NOGUEIRA — BRAGA, depois do Estádio, na estrada principal que liga a Guimarães, a 300 metros, do lado direito. Logo a seguir à Bomba de gasolina.

Telefone: 053 - 974286

AGOSTINHO & IRMÃO LDA

CONSTRUÇÃO E VENDA DE APARTAMENTOS

Construídos com materiais inovadores, para que a exigência do conflito térmico no seu interior possa vir a ser assegurada sem dispêndio excessivo de energia.

Avª Norton de Matos, 26-1ª, Sala 5 — BRAGA

Telf. 612287

BEATRIZ AUGUSTA RIBEIRO LIMA

AGENTE DISTRIBUIDORA DOS VINHOS DO PORTO



BARROS PORTO

AV. Dr. António Durães 4960 - Melgaço Telefones: 42302 - 43113

Venda de Apartamentos e Lojas

IRMÃOS PEREIRAS, L^{DA}

COMP. VENDA E TROCA DE IMÓVEIS

NAIA - FERREIROS — 4700 BRAGA

TELEF. 29554 - 76077

VISITE-NOS

O Chico da Raposeira

(Reminiscência)

Por M. igrejas

Era domingo. Um bonito domingo de Verão. Acho que era Verão pois fazia calor e os homens andavam de mangas de camisa, com o casaco às costas, já se vê como era uso. Após o jantar (almoço), muita gente em caminhar de passeio, sem pressa dirigiu-se para o lugar da Raposeira, em Rouças. Aquele lugar andava na boca de todo mundo já algum tempo. Eu só me dei conta disso naquele domingo. Devia ter oito ou nove anos e morava com o Tio Emiliano que disse que íamos à Festa da Senhora da Raposeira.

Falou em festa, era comigo mesmo. Ele, o tio Emiliano, era o maior da família mas também tinha de as frequentar por obrigação. Era o arrematante dos impostos e tinha de fiscalizar a cobrança do imposto indirecto sobre tudo o que se comercializasse na romaria. Dois tostões ou três das doceiras, de acordo com o tamanho do cesto das roscas; cinco tostões das tendeiças, ou mais, conforme os pipotes de vinho que tinham para vender e por aí a fora. No caminho encontramos o meu pai e a minha mãe, o meu irmão Augusto e outros familiares. Na minha já razoável experiência de festas notei que aquela era diferente, ninguém levava merendeiro. Era isso, todos iam por curiosidade. Todos não. Aquilo era novidade no caledário festivo do concelho. E por ser uma devoção nova, pessoas aparentemente desligadas das coisas religiosas também iam testar os poderes da nova evocação da Mãe do Céu. A Mamá Pires com a Naná e o João também iam e isso me causou grande admiração; não eram habituais nas festividades. E mais, a Da. Carlinda (a Mamá), levava uma garrafa de azeite para oferecer a N. Senhora, como pagamento de uma graça alcançada. Aquilo era demias para a minha compreensão. Mesmo assim deu para entender que a evocação não era tão recente: assim pois já houve pedidos e tinham sido atendidos como confirmava aquele azeite. O lugar da Raposeira me pareceu muito acanhado. Uma capela espremida entre vertentes do monte sem amplidão de Fiães ou Peneda que era o que sempre me ocorria para comparação. A capelinha, não lembro se era recente ou já existia era bem espaçosa. No esfumado do tempo aparece tendo

côro e púlpito. Era grande o público que acorria e a maioria da vila, até o senhor Armando Soalheiro viera.

O tio Emiliano confidenciou para o meu pai que a presença do Solheiro era oficial. Na qualidade de autoridade municipal vinha certificar do que se tratava: festa religiosa sem padre. A capela estava superlotada. E eu também estava lá dentro ao lado do meu pai. No altar uma bonita imagem de Nossa Senhora que intitulavam da Raposeira, mas que, mais tarde verifiquei ser Nossa Senhora das Graças, muito venerada no Brasil. Lá pelas tantas entrou Menezes, muito emproado, ar beático, enfiado no robe, bonito e espalhafatoso roupão de cetim azul claro com florões que lhe chegava até aos pés, atado na cintura com um cordão de seda. O homem postou-se no púlpito, não tenho a certeza se era púlpito, o que sei é que ele estava em plano elevado e dominava toda a assistência. Desfiou um sermão. Não prestei atenção ao que ele disse nem ficamos muito tempo, o meu pai retirou-se. Cá fora notei que as pessoas trocavam impressões com ar de mofa e deboche. É o homem não estava muito bem da cabeça, comentavam. Aquele domingo fora o ápice e a derrocada da Raposeira como lugar de veneração. Dias depois o Menezes foi chamado à Administração e admoestado. Ficou constatado, entretanto, que o homem no excesso de seu zelo religioso tinha enlouquecido. Se algum respeito lhe era tributado até então, a partir daí passou a ser alvo de chacota e apelidado de Chico da Raposeira, um maluco. O seu comportamento degenerou. Cada vez mais o seu fervor era disparatado culminando por amputar o que ele chamava de causador do pecado.

Tudo começara na segunda metade dos anos trinta. O Francisco Menezes retornou do Brasil para onde tinha emigrado muito moço e ao voltar fixou-se no seu lugar de origem, na casa da família. Na bagagem levou para Melgaço alguma cultura e muita religiosidade. Além da imagem de Na. Sra. das Graças também levou um projecto de cinema de 16 mm e alguns filmes. O projecto era alimentado por um magnete acoplado movido a manivela quer dizer, produzia a sua própria elec-

tricidade, coisa evoluida para a época. Acompanhado da esposa, não me lembro se tinha filhos, andava o Menezes pelas aldeias exibindo os filmes, o de maior êxito «A Vida de Cristo». Os filmes eram mudos mas ele os narrava com muita propriedade e em sotaque brasileiro. O povo simples dos lugares que nunca tinham visto cinema, acorria em massa, e à falta de dinheiro para pagar o ingresso, dava tijelas de feijão, favas, ervilhas, farinha e outros artigos. Um dia, em Remoães, a sessão estava superlotada. A casa era velha e a assoalho não aguentou, desabou e todos foram parar em baixo, na corte com grande reboliço dos animais que lá estavam. Com pequenas escoriações e um grande susto, todos saíram ileso. Naquele célebre domingo, antes do culto, na casa do Chico aí ao lado, houve axibição, da «Vida de Cristo». Eu assisti e gostei. O narrar das cenas era o mais interessante pela interpretação que ele dava às falas dos personagens.

Alguns meses após o episódio da festa, faleceu nas maiores dificuldades financeiras.

Era uma boa pessoa, carinhosa e religiosa, que chegou a excessos vítima da enfermidade mental.

Aquela aparelhagem de cinema, a esposa levou para o Papá Pires tentar vender. Enquanto esteve por lá, o Neca exibia os filmes para nós vermos, eu e os irmãos dele. Eram comédias do «Caralinda», o antecessor do «Pamplinas» e do «Charlot».

A nossa homenagem ao Chico da Raposeira que contribuiu para a cultura da nossa terra.

SLIDES

Por Manuel António Esteves

- Por favor ... Um copo de água!
- Não há. Está na hora da poupança. (corte)
- Obrigado!

A Câmara de Melgaço, desde há mais de duas décadas, continua a exercer a mesma política de abastecimento de água à Vila: poupar no Verão para ter fartura no Inverno.

Neste último Verão, nem a novidade camarária (cascata-ictérica da Alameda Inês Negra) resistiu à falta de água. Os jardins também não: «primeiro ajardinam e depois é que verificam que não há água», desabafava um melgacense. As prometidas piscinas (lá para...) fazem, também, parte desta política de poupança. Os melgacenses não precisam de tomar banho em casa - vão à piscina! Até lá, «chaque un que se arranje», como dizia um «emigrantês», um nosso conterrâneo.

Os litros de água que se poupam durante o verão revertem para os cofres camarários, para serem investidos noutras áreas. As «elevadas quantias de dinheiros» de todos nós que tem sido gastas na exploração da água estão a surtir efeitos. É só abrir a torneira no Verão! Num dos dias quentes de Verão, quando a água chegou às torneiras vários munícipes admirados com o que viam comentavam entre si: «ouro negro!!!» chegou às nossas casas! Pareciam muito felizes porque os problemas que efectam o concelho podiam ser resolvidos. Melgaço: saía do «isolamento que o asfixia», «fixava toda a gente jovem» e a Câmara deixava de ser o Serviço Municipal de Emprego; pagava a dívida de 750 mil contos?; acabavam as obras de Santa Engrácia; o «desenvolvimento económico e social» saía da sua pré-história; a Alameda Inês Negra deixava de ser o «poço» dos investimentos; a ritualizada «Cultura das Festas» dava lugar às Festas do Concelho; os Presidentes das Juntaas deixavam de mandigar dinheiro à Câmara... enfim o Concelho ia «crescer e desenvolver-se» e acabava a confusão entre desenvolvimento e cescimento. Tudo não passou de um sonho! Melgaço vai continuar a marcar passo. Afinal, o que chegava às torneiras, não era petróleo! O «precioso líquido» está negro e impróprio para consumo. Os planos foram todos pela água abaixo.

Caros melgacenses, colaborem (que remédio) na política municipal de poupança de água. Já basta o Cavaco andar por aí a dizer que a autarquia anda a gastar muito dinheiro. Na política de poupança de água, a Vila dá-lhe lições. Compre um cântaro, não utilizem as casas de banho (poupa-se, também, no saneamento); bebam (só) água - pé; exijam uma aguadeiro municipal... poupem no Verão para ter fartura durante o ano porque é «a poupar que a gente se entende». Esta política de poupança faz-me lembrar a história do burro inglês que depois de se desabituado de beber morreu. Que a política de abastecimento de água à Vila não aconteça o mesmo que aconteceu ao burro inglês.

Setembro /90



MARIA FERNANDES DO VAL BRITO

SEGUROS

Vivendas - Apartamentos - Terrenos - A.C.P. Autogrupos

42433 - S. Gregório
Telefs. { 43111 - Rua Velha - Vila 4960 - MELGAÇO

FRANKLIN RODRIGUES

TRANSPORTES DE ALUGUER DE PASSAGEIROS E MERCADORIAS

VIAGENS REGULARES FRANÇA - PORTUGAL - FRANÇA

CARRO COM 8 LUGARES

**MITRY MORY - DEP. 77
TEL. 64.61.16.19**

**CASTRO LABOREIRO
TEL. 45452**

VENDE-SE

QUINTINHA, NO LUGAR DA TAPADA - CHAVIÃES, COM MUITO ALVARINHO E BOM TERRENO PARA CONSTRUÇÃO

CONTACTAR PELO TELEFONE 42222, EM MELGAÇO

ELECTROTECNICA

**António Solha & Irmão
Praça da República
4960 MELGAÇO**

* Rádio - Instalações Eléctricas
* Televisão - Amplificações Sonoras

**Agentes da SIEMENS
Assistência Técnica qualificada
TELEFONE: 42294**

VENDE-SE

Campos de cultivo, junto à E.N. entre S. Martinho de Alvaredo e Paderne, no lugar de Ferreiros de Cima e grande monte do Pombal, no lugar do Pinheiro - Alvaredo

Falar com:

**Maria Rosalina Pereira
Rua Sousa Viterbo, nº 11 - 1º Esqº
Telef. 01 - 4312449 - 1900 Lisboa**

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura lavrada em vinte de Setembro de 1990, neste Cartório, e exarada de folhas 26 Vº, a folhas 28Vº, do livro de notas para escrituras diversas número trinta e cinco - C, na qual foi justificante:

VITALINA LOURENÇO viúva, natural da freguesia de Prado, deste concelho, e residente nesta Vila de Melgaço, a qual declarou que é proprietária com exclusão de outrém do seguinte bem imóvel:

Dois oitavos, do prédio rústico, denominado «Campo do Esgalhado», de semeadura e vinha, com a área total de mil quinhentos e sessenta metros quadrados, situado no lugar da Corredoura, da freguesia de Prado referido, inscrito na respectiva matriz, em nome da justificante, sob o artigo duzentos e seis, com o valor patrimonial correspondente à referida fracção de mil novecentos e trinta e quatro escudos e à qual atribui o valor de cem mil escudos, prédio este a confrontar do norte e nascente com caminho, do sul e poente com Fernando Augusto Domingues.

Que o dito prédio está descrito na Conservatória do Registo Predial, deste concelho, sob o número sessenta e oito, da freguesia de Prado, encontrando-se nela registada a favor de Antónia de Jesus Magalhães Machado Lourenço os restantes seis oitavos.

Que ela não dispõe de título formal para registar tal fracção do imóvel naquela Conservatória.

Que, no entanto, sempre esteve na detenção e fruição da citada fracção do imóvel, durante mais de vinte anos, e detenção e fruição estas adquiridas e mantidas sem violência e exercidas sem interrupção, nem qualquer oposição ou ocultação, ou seja, de modo a poderem ser conhecidas por quem tivesse interesse em contrariá-las.

Que, tal posse, assim mantida e exercida o foi no mesmo e interesse próprios e traduziu-se nos factos materiais conducentes ao integral aproveitamento da sua parte no imóvel, nomeadamente, usufruindo-a e pagando todas as contribuições e impostos.

Que, tal posse, por ter sido pacífica, pública, contínua e durante mais de vinte anos, facultou-lhe a aquisição por usucapião, do direito de propriedade em causa.

E que este direito, pela própria natureza não pode ser comprovado por qualquer título formal.

Está conforme, e mais certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há que restrinja, modifique ou condicione o que na presente certidão se narra.

São por este meio convidadas as pessoas que tenham qualquer oposição ou impugnação a deduzir contra a justificante, a recorrer imediatamente a Tribunal, para que tal oposição ou impugnação sejam comunicadas a este Cartório dentro do prazo desta publicação.

Cartório Notarial de Melgaço, 24 de Setembro de 1990.

O Notário

Lic. António Gonçalves de Sousa

«A Voz de Melgaço» N.º 926 de 15 de Outubro de 1990

Tribunal Judicial de Monção

ANÚNCIO

I PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que por despacho de 28/9/90, - proferido nos Autos do Processo Comum que o Ministério Público move contra o (s) arguido (s) MANUEL DOMINGUES, nascido a 12/3/36, separado, reformado, filho de Agostinho Domingues e de Maria Rodrigues, ausente em parte incerta, natural de Couso-Melgaço, e com última residência no lugar do Couso, Couso, Melgaço, por haver cometido o (s) crime (s) de Falsas Declarações, / previsto e punido no (s) Artº (s) 22º & 1º do DL. 33725 de 21/6/ 44 do Código Penal, foi (ram) declarado (s) CONTUMAZ.

Tal declaração tem o efeito jurídico de serem anulados todos os negócios jurídicos de natureza patrimonial celebrados pelo (s) arguido (s) após esta declaração e ainda a proibição de obter (em) determinados documentos tais como certidões de nascimento, certificado do registo criminal, carta de condução, passaporte, bilhete de identidade ou renovação

destes e ainda a celebração de quaisquer registos, nos termos do Artº 337º, nºos 1 e 3 do Código de Processo Penal.

Monção, 2 de Outubro de 1990.

A Juiz de Direito,
Ana Paula Pereira de Amorim.

O Escrivão adjunto,
Alberto Amílcar Afonso Lages Fernandes

Vende-se

Em Santo Cristo Vila Melgaço, moradia com rés-do-chão e 1º andar, parte comercial e habitação

Tratar com José Gonçalves
Serra - Prado - Melgaço
Telf.. 42694

A Crise do Golfo
Riscos a ponderar

Bruscamente a crise instalou-se no Golfo Pérsico. Alegando reivindicações e o não pagamento de uma dívida, o Presidente do Iraque ordenou a ocupação do Kuwait, destituiu o respectivo emir e nomeou em sua substituição um seu cunhado, coronel do exército, com o cargo de governador da proclamada 13ª província iraquiana. Foi assim, sem mais nem menos, neste limiar do século XXI da era Cristã, quando as jovens democracias da velha Europa procuram consolidar a sua recente condição de países livres, quando os dois colossos mundiais que são os Estados Unidos e a União Soviética chegam finalmente a acordo quanto à inutilidade dum guerra fria que durava há várias décadas, quando a humanidade tem conhecimento através da UNICEF que morrem por dia cerca de 400 mil crianças vítimas de doença e de fome, o que motivou a reunião sem precedentes de 70 Chefes de Estado e de Governos, para tentarem encontrar soluções que evitem essa pungente realidade.

Não fora a imediata condenação pela comunidade internacional deste autêntico acto de pirataria, (na ONU só Cuba votou contra), e o rápido envio de tropas para a região, tudo indica que a próxima etapa bélica dos invasores do Kuwait, seria a Arábia Saudita.

No número 921 deste Jornal de 15 Jun 90, numa pequena introdução aos comportamentos de José Estaline e Adolfo Hitler escreviamos que «há sempre o risco de surgir dirigente suficientemente louco capaz de provocar uma catástrofe».

O Presidente Saddam Hussein parece reunir os requisitos necessários. Até agora nada o tem demovido a desocupar o Kuwait. As razoáveis propostas do Secretário Geral da ONU, do Rei da Jordânia, do Chanceler da Áustria e do presidente da Argélia, responde com contra-propostas descabidas e inaceitáveis não dando ouvidos, sequer, aos elementos moderados da liga Árabe.

A última esperança reside na actuação do Rei Hassan II. O soberano marroquino é, além de moderado, um político sagaz e rea-

lista. Tentará demonstrar-lhe, certamente, que o Iraque não tem qualquer possibilidade de sair vencedor dum guerra que venha a desencadear. Tem a seu favor as mortíferas armas químicas, (curiosamente construídas pela tecnologia europeia), e os poços de petróleo prontos a serem destruídos. Tem contra si, além da condenação unânime da esmagadora maioria das potências mundiais, a possibilidade da concentração rápida das mais poderosas forças terrestres, navais e aéreas jamais reunidas nos anais da hu manidade.

No meio de todo este imbróglio quem vai sentindo o maior peso no pagamento da factura são os países mais pobres. O preço do petróleo duplicou em poucos dias e continua a subir em flecha. As Bolsas de Valores, com os barómetros financeiros de Nova Iorque, Londres e Tóquio a baixarem continuamente, fazem admitir uma possível crise económica, a nível mundial, que, a verificar-se, provocará efeitos imprevisíveis.

Torna-se urgente a procura de soluções energéticas de alternativa que possam substituir o petróleo. Até porque os poços deste produto não são inesgotáveis. Mais cedo ou mais tarde acabarão por secar.

O Mundo não pode estar à mercê de qualquer dirigente que a pretexto de contrariedades ao seu apetite expansionista ou de eventuais ofensas às suas convicções políticas ou religiosas, - sejam elas quais forem -, tenha o poder, eivado muitas vezes de feraz fanatismo, de desencadear uma Guerra Santa, - a sua Guerra Santa sublinhe-se, ou de causar a destruição, por morte lenta, de milhões de seres humanos.

Em suma, a crise é real. A ameaça dum catástrofe permanece no ar. São riscos demasiado elevados, riscos de efeitos incalculáveis. Aos dezoito milhões de iraquianos cabe a última palavra. Porque serão eles afinal, as primeiras vítimas dos riscos que o seu dirigente máximo venha a provocar.

Riscos a ponderar.

Zé do Rio Minho

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes
Agente oficial das marcas
AEG - TELEFUNKEN -
GRUNDIG
Assistência Técnica
VENDA DE APARELHOS
ELECTRODOMÉSTICOS
RUA DÓ RIO DO PORTO
TELEFONE 42650 - 4
MELGAÇO

**VENDEM-SE
AS
SEGUINTE
PROPRIEDADES:**

Quinta da Corga

Situada na Cabana, composta de campos de cultivo para plantação de alvarinho, casa em pedra e cozinha lageada com forno em pedra, para recuperação. A 1.500 metros do Largo da Calçada, pela nova estrada. Com área aproximada de 10.000m2.

.....

**Tapada dos
Pardieiros**

Monte situado nos limites de Fiães e Cabana, com carvalhos seculares. Área aproximada 10.000m2

.....

**Propriedade na
Assadura**

Sucalcos de pão e vinho e área de construção, aproximadamente a 5.000m2. Dista a 300 metros do Largo da Calçada.

Tratar:

com Germano
Carabel e
Deolinda do Carmo
Esteves

S. Julião — Vila
Melgaço
Telef. 051 — 42486

Centro Peninsular Ibéria

Temos para venda

Discoteca c/ 280 m2
Restaurante c/ 180m2
2 Habitações T3. C/ Terço e garagem
Inf. Tel. 02 - 951 11 16 - 02 - 951 11 77

Leia

«A Voz de Melgaço»

DR. LEITE D'ALMEIDA

DOENÇAS DOS OLHOS
CIRURGIA - LENTES DE CONTACTO

CAMPO DA VINHA, 23 - 2º

TEL. 71477 - BRAGA

RUA DE CEUTR, 60 - 3º

TEL. 24288 - PORTO

"A Voz de Melgaço" em Tribunal

II

Direito de Resposta

A Constituição Portuguesa no Artigo 37º, 4, informa: "A todas as pessoas, singulares ou colectivas, é assegurado, em condições de igualdade e eficácia o direito de resposta e de rectificação, bem como o direito a indemnização pelos danos sofridos".

A Lei de Imprensa pormenoriza este direito no Artigo 16º.

Tratando-se de um órgão de informação o reconhecimento deste direito é essencial à mesma, visto que, só dessa forma, a informação será objectiva.

Há no entanto, uma tendência nas pessoas visadas, pela informação, no recurso imediato aos tribunais, sabendo-se que a resposta não impede o recurso ao poder judicial.

Assim o não entendeu, o dr. Sidónio, o qual em suas declarações oficiais disse: "Queriam que eu respondesse no jornal para haver uma contraresposta e assim se iniciar a polémica e se venderem jornais. Entendi que só o recurso aos Tribunais poderia ser solução".

O dr. Sidónio não quis, pois, usar o "direito" constitucional de resposta, direito que não obstava a que, também, recorresse aos Tribunais.

Não pensam da mesma forma, por exemplo, o Presidente da República e os juízes.

De "O Zé" do Rio Maior de 2 de Fevereiro de 1989 transcrevem:

"No dia 29 de Dezembro de 1988, "O Zé" pediu, ao Senhor Presidente da República, que esclarecesse, se era verdadeira ou não a acusação de um Emigrante chegado à Redacção acerca de um empréstimo de dinheiro ao então simples cidadão Dr. Mário Soares, em França, antes do 25/4, não pago ainda.

É com grato prazer que anotamos que, em carta assinada por Estrela Serrano — Assessora de Comunicação Social da Casa Civil do Presidente da República — chegou o desmentido oficial. Repare-se que "O Zé" não fez acusações nenhuma apenas colocou uma pergunta ao Supremo Magistrado com benefício da dúvida, disfrutando do direito democrático previsto na Constituição".

O semanário "Expresso" noticiou factos, que envolviam Juízes.

Os magistrados entenderam que deviam usar o direito de resposta e correcção, até com dureza, mas sem recurso aos Tribunais para onde poderiam levar o respectivo jornal. E fizeram-no em 10 de Dezembro de 1988 nestes termos:



"Greve de Juizes atinge Supremo"

NANOTÍCIA "Greve dos Juizes atinge o Supremo", de 3.12.88, sou referido como um dos 40 Juizes-desembargadores do Tribunal da Relação do Porto que subscreveram o abaixo-assinado ao ministro Fernando Nogueira, o que está correcto, e afirma-se que estou solidário com a greve nacional convocada para segunda, terça e quarta-feiras.

Afigura-se-me, salvo o devido respeito pela opinião em contrário, que essa interpretação não corresponde à realidade.

Sempre estive contra a greve e manifestei-o, publicamente e em privado, a colegas ou outras pessoas. A minha coerência com as afirmações proferidas manifestou-se ontem, dia 6, terça-feira, em que compareci à sessão de julgamentos.

Rui A. Tato Marinho Juiz-Desembargador

"Quatro Juizes sob investigação"

TOMOU o Conselho Superior de Magistrados conhecimento de uma local intitulada "Quatro Juizes sob investigação" publicada no EXPRESSO de 22.10.88 e de outra, publicada em 29 do mesmo mês. A este respeito, entende este órgão efectuar as seguintes considerações:

Estarão em causa determinados processos criminais, pendentes pelo Tribunal Criminal de Lisboa, nos quais foi decidida, por despacho judicial, a suspensão da prisão preventiva de arguidos. Num deles, essa suspensão foi decretada em consonância, com prévia promoção do Ministério Público; noutros dois, o decidido foi-o contrariamente ao entendimento do Ministério Público, sendo que, até ao momento, esta entidade não interpôs qualquer recurso; finalmente, noutros três, dos respectivos despachos foi interposto o adequado recurso.

Perante um tal condicionalismo, não poderá o Conselho Superior de Magistratura, face à independência, até constitucionalmente consagrada, das decisões judiciais, ter qualquer actuação quanto aos casos em concreto. Por

outro lado, isso não obsta a que, de acordo com as competências que lhe são confiadas, este órgão esteja atento à recolha de quaisquer indícios que apontem para comportamentos susceptíveis de integrar infracção disciplinar, para o que já iniciou as respectivas investigações.

Todavia, o Conselho Superior de Magistratura não pode deixar de repudiar o conteúdo da notícia em questão na parte em que se insinua que os magistrados judiciais serão na generalidade, subordináveis e impressionáveis por outrem. De facto, por ora, é apenas publicamente conhecido um alegado caso de suborno, aliás objecto de investigação disciplinar e criminal em curso.

Acrescenta ainda este semanário e na primeira notícia, que um dos juizes teria decidido mover influências para que nenhum réu de um dado caso de droga aguardasse julgamento sob detenção. A este propósito considera-se inadmissível que um Juiz, nas suas decisões possa ser influenciado.

Armando Torres Paulo Juiz-Desembargador e Vogal do CSM

Se o dr. Sidónio tivesse usado o "direito" de resposta, estaria, até, muito bem acompanhado! Procurou a solução nos Tribunais. E não foi atendido.

Mas, ainda que o fosse, saía muito mal dos Tribunais.

É que no texto incriminado tratava-se de factos.

O dr. Sidónio só podia ganhar ou se provasse que os factos não eram verdadeiros ou que, sendo verdadeiros, quisemos ofendê-lo.

A primeira hipótese não se verificava. Os factos eram verdadeiros. Na segunda hipótese o dr. Sidónio, se conseguisse a condenação dos réus por ofensa deixaria uma prova documental jurídica contra ele: a **veracidade dos factos**. E o recurso aos Tribunais reafirmava a veracidade, o que o acompanharia como sombra negra e dos seus.

O recurso aos Tribunais por causa de "crimes" de liberdade de imprensa é muito perigoso...

(continua)
Júlio Vaz

Recordando... Meditando

Nunca se pode estar descansado

Meu saudoso Pai era um homem que sempre gostou de andar bem informado.

Desde muito criança, até onde a minha memória alcança, estou a vê-lo chegar a casa ao final da tarde, quando a sua vida profissional não o levava pelo mar, mundo fora com o jornal na debaixo do braço. Nessa época não havia ainda telefonias, como então se chamavam aos rádios, era a imprensa, a fonte de informação que havia.

Um nosso amigo tinha um aparelho de telefonia sem fios, e, assim, através dele ouviamos música, notícias e comentários do estrangeiro e muito conversava com meu pai, acerca do que ouvia. Esse amigo, que era músico, sentava-me no seu colo, colocava-me os auscultadores nos ouvidos e encantava-se por me ver tão deliciada com a música que ouvia através daquele aparelho. É certo que também ouvia por vezes muitos silvos que me incomodavam mas compensava o prazer da música e também a novidade.

Aquele aparelho atraía-me, mas também me metia respeito. No meu pequeno cérebro fazia-me muita confusão como daquela grande caixa cheia de botões e cavilhas saía música e vozes, quando se punha, nos ouvidos aqueles tampões grandes.

Andava sempre a perguntar, quando íamos a casa do Sr. Serra à noite porque de dia só com a Mãe tinha que ficar quietinha sentada no canapé. O casal não tinha filhos e eu não tinha com quem brincar.

Olhava através da porta a sala onde estava o aparelho mas, para mágoa minha, nem sequer o via.

Mas voltando ao meu Pai e ao jornal que de tarde trazia para casa. Lia-o à noite ao serão.

A Mãe fazia tricot ou crochet e eu brincava com as bonecas ou rabiscaava desenhos. O pai de vez em quando, lia alto qualquer notícia de mais destaque e trocava comentários com a Mãe, mas eu não deixava de estar atenta. Se eram notícias de crimes ou guerra ficava com um medo pavoroso. Mais tarde apareceram as telefonias e logo meu Pai se apressou a comprar uma. Era um bellissimo aparelho com um som melodioso, para meu deleite. Veio a guerra mundial e todos em casa, na hora dos noticiários, quer nacionais ou da BBC, ficava de perto, com os ouvidos atentos ao que se dizia, com destaque para a voz portuguesa que vinha de Londres: Fernando Pessa.

O jornal continuava a entrar em nossa casa todos os dias e todos os líamos.

Assim passaram aqueles anos de angústia e aflição, até vir a paz.

Casa de Pais, escola de filhos, e assim me habituei a interessar-me por tudo o que passa no mundo, gostando de estar informada.

Meu pai morreu com quasi 92 anos e, ainda pouco tempo antes, lia o jornal.

Nestes dias de expectativa e ansiedade com o que se passa no Golfo Pérsico, depois da invasão do Kuwait pelo Iraque, vem à minha memória constantemente uma frase que meu Pai sempre que lia no jornal algum facto anormal ou preocupante, quer a nível nacional ou internacional proferia "Nunca se está descansado!"

Esta era sempre a expressão que empregava, reveladora da sua preocupação com o que se passava no mundo que ele conhecia bem muitos países. Na verdade nunca se pode estar descansado. Mal se respirou de alívio com os frutos da perestroika que matou o comunismo. Acabou o pesadelo do muro de Berlim e com mais ou menos dificuldades tudo se irá recompondo nas duas Alemanhas. Que há esperanças quase concretas de que Angola e Moçambique terão paz. Enfim, uma série de casos difíceis que vão ficando sanados e aparece este crime de invadir um País vizinho e despojá-lo de tudo roubando e saqueando, espezinhando os seus habitantes.

Tudo o que se possa pensar e dizer de uma acção destas já tudo foi dito.

Já nos bastava uma ETA, uma IRA, uma guerra sem fim no Líbano, as lutas tribais e tantas coisas mais e ainda mais, a SIDA e a DROGA.

Se tudo se complicar, no Golfo, como será? Deus tenha pena de nós, do mundo.

Possuir armas químicas e ameaçar empregá-las, só do cérebro de um ser satânico. Para mim não passa de um novo Hitler que as não empregou porque ainda não tinham sido inventadas. Substituem os campos de extermínio de então.

Pelo que se sabe Saddam Hussein, já mandava matar os seus compatriotas, caso soubesse que não gostavam dele. Não admira servir-se da vida dos estrangeiros que lá residem para obter os seus fins.

Como ficará isto? Oxalá o bom senso prevaleça e a graça de Deus caia sobre todos nós. Parece que no meio desta ánsia de ouvir notícias, de preocupação e receio, estou a ouvir a voz de meu Pai: "Nunca se pode estar descansado!"

Lisboa - 22-8-90
M.S.

Colaboradores e amigos!

Hoje queria realçar o carinho de tantas atitudes que temos recebido de muitos assinantes. Falam com especial carinho do jornal, sentem-no, de facto, como uma carta de família e procuram saber se a sua assinatura está em dia, pois conhecem bem que, com um pequenino cuidado por parte dos assinantes, se pode poupar muito trabalho e despesas desnecessárias à Administração e ao próprio assinante.

Espero poder em breve referir o rol dos que foram pagando desde Julho passado. Desculpem, mas a falta de espaço e os meus afazeres não me permitem publicar já hoje a lista.

Quem não sabe a sua situação ou tem dúvidas, procure esclarecer-se para que tudo esteja em ordem.

Nós somos assim

Gostaríamos de o gritar bem alto para que outros nos imitassem o exemplo. O jornal é de todos os melgacenses. Não temos ódio nem rancor a ninguém, por mais que nos tenham importunado. Há provas e mais provas de que não só não censuramos nada que seja escrito em prol de um possível adversário, como até ousamos escrever o que outros pretendem amigos seriam incapazes de fazer. Sim, temos um certo orgulho nesta divisa. Até porque experimentamos na carne a censura que outros nos fizeram. Só que a nossa resposta não é a da vingança, mas a da tolerância e da caridade cristã que tem de estar por cima de tudo.

Somos lutadores pelos nossos ideais e por aquilo que pensamos ser o melhor para as pessoas e o concelho, mas não temos inimizade a ninguém. Pedimos que as pessoas saibam compreender isto muito bem, porque seria uma enorme riqueza com efeitos muito benéficos, se todos procedessem assim.

Da "Voz de Melgaço" poderíamos afirmar o que alguém disse de si mesmo ao tentar definir-se: "Levo no peito a ténpera de um lutador e o coração de uma criança". É isso, tenacidade na defesa dos direitos e dos princípios; imensa abertura e compreensão para os outros.

E gostaríamos que cada vez mais houvesse melgacenses e portugueses que não esmorecessem de lutar tenazmente em defesa dos valores e dos princípios cristãos que nos informam, procurando ser coerentes na resposta dada a quem possa ser ingrato ou nos tenha mesmo feito mal. Não há dinheiro que pague uma pessoa que procura actuar pautando a sua conduta por estes princípios.

Parada do Monte, centro de grande religiosidade Mariana em tempos passados!

Revolvendo o Arquivo desta paróquia chega-se à conclusão, facilmente de que existiu uma enorme devoção à nossa Mãe do Céu.

Dois factos foram as fontes principais desta religiosidade, embora outras mais se possam indicar. Pena é que ainda hoje não continue com o mesmo brilho e entusiasmo esse amor à nossa Mãezinha do Céu!

A origem data desde há séculos com a erecção da Confraria do Carmo, que, felizmente, ainda existe com algum brilho. Aproveito a ocasião para dizer, embora não com toda a certeza, que talvez seja a única confraria neste sector no Alto Minho.

A ela pertencia quase toda a gente da freguesia, tendo muitos irmãos das freguesias vizinhas, havendo até irmãos inscritos de terras distantes. Juntamente com a inscrição fazia-se a bênção e imposição do escapulário da mesma Senhora.

Geralmente tudo isto se fazia no dia litúrgico da Senhora do Carmo, que era, e ainda é, no dia 16 de Julho. Quando por qualquer circunstância não podia ser nesse dia, fazia-se no domingo seguinte. A imposição do escapulário era reservada, e ainda é presente, a sacerdote para isso devidamente habilitado. Esse dia era de festa na terra. Havia missa solene, sermão e comunhão geral. Depois seguia-se a romagem ao cemitério, a recordar e sufragar os irmãos chamados à Casa do Pai.

Lembrava-se aos confrades a necessidade de rezar diariamente a chamada «rezinha» da Senhora do Carmo, que consistia na recitação de sete Pai Nossos, sete Avé Marias e sete Glórias, devoção que se pratica à noite, em família, depois das graças.

Sem ter diminuído o amor à Senhora, surgiu uma outra devoção com a instalação da Pia-União das Filhas do Santíssimo Coração de Maria.

A sua fundação deve-se aos Senhores: António Joaquim de Neiva e sua senhora Dona Genoveva Augusta de Neiva, professores oficiais do ensino primário nesta freguesia, sendo pároco muito zeloso, José Augusto Ferreira, a quem se ficou a dever também a criação da escola, como já relatamos em outras ocasiões.

Uma vez fundada a mencionada Pia-União, nela se alistaram logo sessenta e quatro senhoras, a quem foi passada uma patente de inscrição e bem assim uma medalha como distintivo.

Como era Associação, constituiu-se logo uma direcção, sendo Presidente - ANA DOMINGUES, do lugar do Paço, Secretária Genoveva Augusta de Neiva e coadjutor Joaquim de Neiva.

O número de inscritas foi aumentando duma maneira digna de admiração, pois em dois anos passou para cento e oitenta e duas.

Fique desde já esclarecido que as associadas pertenciam ao concelho de Melgaço, Monção e Arcos de Valdevez. Apesar da distância a que as separava, elas estavam presentes nas reuniões mensais, feitas na igreja paroquial.

Esta Pia União manteve-se firme e pujante até 1923, data em que começou o seu declínio até desaparecer totalmente. Os maiores incentivadores, não contando os referidos professores, foram, no início, o já referido Pe. José Augusto Ferreira e na última etapa o Pe. José Custódio Domingues que faleceu em Cubalhão, donde era natural.

Desta Pia-União a única coisa que ficou foi a imagem do Coração de Maria e o altar a ela dedicado. Tudo o mais desapareceu bastante ingloriamente.

A devoção à Nossa Senhora ainda permanece, manifestando-se na recitação do terço em família, na participação do mês do Rosário e do Coração de Maria, nas diversas novenas feitas no decorrer do ano e na oração conhecida das Trindades.

Também ainda está viva e em boa forma a devoção do escapulário. O que desapareceu foi a Pia-União das Filhas de Maria. É com pena que o digo, mas é uma triste realidade. São movimentos que aparecem com muito entusiasmo, vão subindo na sua propagação e, passados tempos, talvez porque vão faltando os animadores, começam a declinar até que desaparecem. A morte de qualquer movimento não pode ser motivo para cruzar os braços e dizer que não vale a pena trabalhar em obras dessa natureza. Vamos para a frente e trabalhar na vinha do Senhor que é grande e laboriosa.

A. Domingues

«Carta Aberta»

Meu Caro amigo Manuel Igrejas

Pela vossa correspondência, que tanto aprecio, estamos ligados de alma e coração ao querido JORNAL «A VOZ DE MELGAÇO» e vivo convosco, em espírito, essas Terras longínquas de Santa Cruz, por onde andou também o meu saudoso pai, muito próximo de 12 anos, e teve alguns bens no Estado de Mato Grosso. Por isso, não vos canseis em nos dar notícias, sempre que possíveis, porque é a forma de vivermos mais em contacto uns com os outros, uma vez que daqui não vos faltarão também. Não pela minha parte, não só por ter atingido a casa dos 80 e sobretudo pela falta de saúde que tenho, mas dos mais novos que tem esse dever cívico e moral de serem prestáveis aos seus semelhantes enquanto Deus lhes der vida e saúde. - Foi sempre este o meu lema e nunca a vaidade de receber elogios ou de querer ver o meu nome escrito nas colunas do jornal. Quem está longe da terra anseia em saber de alguma coisa que por aqui se passa. - Meu caro Manuel Igrejas, pois não me julgo merecedor delas. Como cidadão foi sempre meu timbre e dentro das minhas possibilidades, dispensar àqueles que deles precisem os meus modestos préstimos.

Está neste caso a «Voz de Melgaço» a quem desde o princípio da sua fundação dei, dentro das minhas potencialidades, toda a minha colaboração, procurando, assim, colmatar, um pouco, as saudades de quem labuta longe da sua terra. - Portanto, a questão de ser correspondente de um jornal quinzenário ou até diário, não requer formatura, mas tão somente a boa vontade de querer colaborar para o seu engrandecimento e prestígio da terra que o viu nascer.

E por hoje é tudo, meu caro Igrejas.

Aceitei um sincero abraço que será extensivo a toda a Colónia Melgacense, que fizeram de Terras de Santa Cruz a sua própria Terra de Melgaço.

Outubro de 1990
António Luis Reinales

Capela de Santo André, em Pinheiro, S.Paio

(Continuação)

O velho nome de Pinheiro caíu em desuso e acabou por ser apagado da memória e substituído pelo de Santo André, o qual por estar ligado ao culto divino, se generalizou sem protesto.

Prometeu-se no princípio focar oportunamente à quem de direito pertencia a administração da capela, porque a doação da vinha da cruz de S. Gião feita por Belchior de Castro e sua mulher, do Paço de Rouças, foi uma liberalidade e não obrigação imposta ao fundador da capela.

Ora quem sobre este assunto se pronuncia e explica é o Dr. Manuel Pinheiro Ramos em 1720 e fá-lo neste capítulo.

«Não se tem dado satisfação ao mandado fazer na capela de S. André, sendo tão preciso, por falta de deligência dos oficiais desta Igr. a Elles compete o referido, visto ser a freg. obrigada á fabrica de tal capella, portanto mando q os dts. officiaes fazer concluir as ditas obras em termo de três meses, reportando pa. isso logo o dirt. à freg. e alias os hei por condenados em seis milrs e o Rd. Parocho mande á custa dos dits. officiaes fechar de pedra e cal as portas da dit. capella... e a seguir continua... A capella verificara-se no ano anterior, - estava endecente e á freg. competia reformá-la «de madeiramento, forro, revoques e apinsellar, portas seguras e fechadas, altar e retabolo o q faram, querendo usar de tal capella, obras o Rd. Parocho logo q lhe constar que os fregueses não querem fazer a tal obra mande hir pra. Igreja a imagem estando capaz e decente (não estando) alias se enterre na mesma capella na forma do reitual Romano e o Juis e mais officiaes o da Igreja mandem lo-

go tapar a porta da dita capella de pedra e cal...» Como se depreende o culto nesta capela teve altos e baixos, no entanto nunca faltou quem a amparasse nos momentos de maior crise. O Dr. Manuel Malheiro Marinho, comissário do santo officio, deixou disso uma prova na sua visita de 17 de Julho de 1729: «Costame q par^o arreedificação da Imagem de St. André estão prometidas várias esmolos cujo rol se acha na mão de Ignácio Lopes o coal cobrarão o q esta prometido e mandarão reformar o santo a beneplacito do Rd. Abbd. e com sua direção pra. o q dará o rol os devedores para contra elles proceder athe de participantes e pagando os admitta e absolva...»

Creio ter sido a capelinha de Santo André nos primeiros tempos uma ermida pobre e térrea, e os moradores dos lugares mais vizinhos não terem o interesse preciso para a engrandecer. Assim o dá a perceber uma lembrança encontrada no espolio do Capitão Inácio Pinheiro São Paio, que era um devoto do Santo... A justej com Diogo Roiz de Barata q havia de quebrar pedra ladrilhar a capella do apóstolo Santo André, e assentar a mesma pedra ou ladrilho mto. bem feito de sorte q ficasse o ladrilho mais alto a porta trabessa, e mais suave com o degrau do Altar, certo com a condição de q os moradores dos lugares visinhos haviam de carretar a pedra, e pola junto da capella, porem como estes repugnarão o carreto, não tem tido effect. a obra de assentar a pedra, e paguei ao meso. 2400 rs. pello trabalho de a quebrar... e visto q não teve trabalho de assentar, não mereceu outro tanto na forma do ajuste por ser certo q não uzou de cunhas e marra nem de picos para

meter a pedra em perfeição... Em 17 de Outubro de 1779 pidio-me o dito acima lhe emprestasse algum dnr. e com effeito lhe emprestei meia moeda e lhe repety q a pedra, ou carreto della, não pendia de min. vontade e aquele dinho era emprestado e por todas as razões deve pagar-me a meya moeda q não mereceu nem eu lha perdo-o \$ 2400 rs. deve...

Já há três anos q me prometeu pagar vindo os fils. do douro, porém foram e vierão, e até hoje 4 de Julho de 1783, não tem pago...

Nos séculos XVIII e XIX parece que esta ermida não tinha o abandono doutros tempos nem as carências que o decorrer dos tempos ocasiona. Houve nestes dois séculos festas de arromba nesta capela, que ficaram na memória dos homens, não por atestarem um rejuvenescimento do culto, mas por afirmarem a prepotência dos desordeiros do termo de Valadares sobre massas pacíficas dos outrosromeiros...

Hoje a capela de Santo André foi aumentada, muito bem preparada e adornada. Todos os lugares circunvizinhos têm grande devoção ao apóstolo Santo André e tem a capela apetrechada com todas as alfaías necessárias para o culto divino, e todos contribuem para terem missa vespertina todos os sábados. É servida por uma boa estrada camarária asfaltada e todos os anos, no verão, Santo André é honrado com uma magnífica festa que alternadamente é feita pelos lugares circunvizinhos e entre eles destacam-se, Carpinteira, Outeiro, Raza, Pombal, Paço, Cavencas, Veiga, Ameal etc.

Fin

M. S. C.

Banco Português do Atlântico presta novos Serviços em Melgaço

Com motivo do 45º aniversário de funcionamento da agência do Banco Português do Atlântico (BPS) em Monção tivemos ocasião de colocar ao senhor Mário Borges, Subdirector da Direcção Regional de Braga, ao senhor Ramiro Cursino, Gestor de contas de particulares, na mesma Direcção Regional e ao Senhor José Manuel Pacheco, gerente do BPA em Monção, algumas questões relativamente ao funcionamento do banco em Melgaço.

Recordava-me do mal-estar que as pessoas sentiram quanto tiveram que passar a vir receber as pensões de reforma a Monção ou ter que tratar outros assuntos que normalmente passam por um Banco. Não foi má vontade do Banco, nem falta de aposta nas capacidades de Melgaço. Foram diversas circunstâncias que o obrigaram a cancelar esses serviços em Melgaço, enquanto tentavam resolver as dificuldades surgidas junto do Banco de Portugal. Só que a burocracia leva o seu tempo e só há pouco tempo o BPA de Melgaço, a funcionar no largo da Calçada, pôde, efectuar os serviços mais correntes, tais como pagamento de pensões, depósitos, etc. Até aí, só podia funcionar como Posto de Câmbios.

Espera-se que em breve o BPA de Melgaço possa funcionar em pleno como sub-agência e que veja o pessoal aumentado em número, pois os actuais dois elementos não permitem que o banco preste os serviços com a celeridade desejada. Afiançaram-nos que o assunto será resolvido.

Tratando-se do maior Banco Comercial do País, Melgaço só tem a lucrar. Em breve serão distribuídas pelo País 50 máquinas que funcionarão todos os dias e a todas as horas e que, mediante um cartão apropriado, permitirão ao cliente realizar quase todas as operações correntes, tais como levantar e depositar dinheiro, emitir ordens de pagamento, etc. Oxalá, para colmatar as carências de Melgaço, fosse colocada uma na nossa terra.

Soubemos também que os emigrantes, gozando do estatuto de estrangeiro para as operações bancárias, poderão obter melhores garantias se pedirem ao BPA para colocar o seu dinheiro depositado nas operações ligadas ao offshore da Madeira, porque gozando do estatuto de zona franca, não pagarão os 7,5% por cento ao Estado que hoje cobra sobre os depósitos dos emigrantes.

Ficamos também gratamente surpreendidos por saber que a Agência de Monção, neste Verão, e para evitar o incómodo das bichas de espera, escreveu aos emigrantes com determinada quantia depositada informando que poderiam ser recebidos à hora que desejassem, sem terem incómodos de espera, se telefonassem no dia anterior a dizer qual a hora pretendida. Supomos que o mesmo farão em Melgaço.

Há outros serviços que o BPA presta e que são vantajosos. Referimo-nos às contas de poupança reforma, aos seguros de doença, aos seguros de casa e recheio.

Há muitos outros serviços que a Banca hoje pode prestar para tornar a vida mais fácil ao cidadão. O que se

gasta é sempre menos que o que se perde em tempo e dinheiro para tratar dos assuntos pessoalmente.

Esta é uma boa notícia. Felicitemos o BPA pelo que fez para poder operar em Melgaço com maior funcionalidade e capacidade de prestação de serviços e esperamos que, em breve, possa dar-nos notícias ainda mais interessantes.

O senhor Mário Borges, da Direcção Regional de Braga, falou da nova filosofia que informa o Banco quanto às relações com os órgãos de informação locais. Felizmente que se deram conta de que não é a publicidade nos grandes meios de comunicação social que atinge a gente de Melgaço e sobretudo os seus muitos emigrantes. A imprensa regional presta ao país e a determinadas instituições, tais como os Bancos, um serviço inestimável, serviço que os assinantes agradecem, pois também eles passam a conhecer outras possibilidades de investimento produtivo, de prestação de serviços úteis e até indispensáveis.

Cientes dessa mesma realidade, aqui estamos a dar o nosso aplauso e todo o nosso apoio.

Carlos Nuno.



AGÊNCIA IMOBILIÁRIA

de - HEITOR D. CAMPOS AMOEDO

MEDIADOR OFICIAL DE IMÓVEIS

Para uma justa avaliação das suas propriedades

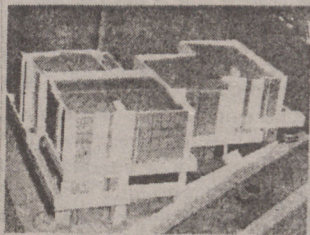
COMPRAR - VENDER

ALUGAR OU ARRENDAR - COMERCIAL OU HABITAÇÃO

PREDIMÇÃO: Rua General P. de Castro-20

Telef: 52872 = 4950 MONÇÃO

CONSTRUMINHO, L.DA.



Largo da Calçada
 Telef. 42039 - 4960 Melgaço
 e
 Rua Almirante Ramos Pereira
 Telef. 91 13 72
 4915 Vila Praia de Âncora

ESTE ANO

Grupo Polaris

O ESPECTÁCULO DA VOSSA FESTA

LUZ, COR, SOM, ALEGRIA.

4960 MELGACO
 Telf. 42651, 42658

MANUEL CAJÃO

MÉDICO

R. Dr. António Durães

Telf. 42820

VILA-MELGAÇO

«A VOZ DE MELGAÇO»

O SEU QUINZENÁRIO

JOAQUIM RODRIGUES
 TEIXEIRA & C^ª, L. ^ª

CONSTRUÇÕES DE PRÉDIOS PARA
 VENDA
 ALTA QUALIDADE A PREÇOS
 COMPATÍVEIS

EM BRAGA

Escritório :

Avenida Central, 54 - 1^º

Telefones :

27256 - 25185

BENTO GOMES

Materiais de
 Construção Civil

Telefone: 4 21 13

4960 MELGAÇO

MANUEL ANTÓNIO
 RIBEIRO

SOLICITADOR

Largo Hermenegildo
 Solheiro

MELGAÇO

SERRALHARIA ARTISTICA
 C O D Y

- PORTAS - CAIXILHOS -
 MARQUISES -

(Tudo em Alumínio
 Anodizado)

de Carlos Alberto Codesso
 Granjão - Paderno - Tele: 42244

4960 MELGAÇO



CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA
 MÚTUO DE MELGAÇO

- INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO AO SEU SERVIÇO -

UMA PORTA ABERTA PARA A SUA POUPANÇA

DEPÓSITOS
 À ORDEM
 A PRAZO

OFERECEMOS AS MELHORES TAXAS DE JURO DO MERCADO

— As poupanças colocadas na Caixa de Crédito
 Agrícola Mútuo de Melgaço são garantidas pelo Fundo
 de Garantia do Crédito Agrícola Mútuo —
 — Decreto-Lei nº 182/87 de 21 de Abril.



FABRIMAR DO PRINCIPIO AO FIM

UMA RAÇÃO DE RAÇA

À VENDA NA COOPERATIVA DE
 MELGAÇO

FABRIMAR

FÁBRICAS DE MOAGENS
 DO MARCO, LDA

FUNERÁRIA

DE
MANUEL A. O. MIRA

TELEF. 42237 - ALVAREDO, MELGAÇO
AUTO FÚNEBRES PARA FUNERAIS E
TRANSLADAÇÕES EM TODO O PAÍS E
ESTRANGEIRO
SERVIÇO PERMANENTE

Compre agora e pague — em
12 MESES, em —

Móveis Castelo

DE
Ramiro de Línia A. Cerqueira

RUA DAS ESCOLAS
TELEF. 42695 — 4960 MELGAÇO

EXPOSIÇÃO: •
RUA DA CALÇADA

AMIGO LEITOR

**PAGAR SEMPRE A ASSINATURA
BEM CEDO E DIRECTAMENTE
É CONTRIBUTO IMPORTANTE
QUE PODE DAR TODA A GENTE**

Dr. Paulo Malheiro
ADVOGADO
Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto.
— 2700 Amadora
Telef. 4940478

CONSTRUÇÕES DE:

JOÃO DA COSTA PEREIRA DE MACEDO

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

- * Vivendas e Apartamentos
- * Escritórios - Estab. Comerciais
- * Quinta - Lotes para construção
- * Venda e aluguer de armazens

CONTACTE

| | |
|--|--|
| ESCRITÓRIO: Av. da Liberdade, 498-1º Esq. 4700 BRAGA - Telef. 26535 - 77318 | RESIDÊNCIA: PRADO - 4730 - VILA VERDE Telef. 921319 |
|--|--|

Vende-se

As propriedades pertencentes a António Esteves,
composta de casa mobilada todos os utensílios de
lavoura, muita vinha toda aramada de novo, muita
água, etc. etc., toda fechada.
Trata a o proprietário



MELGAÇO - EXPRESSOS

Auto Viação Melgaço



MELGAÇO - VALENÇA - VIANA - BRAGA - PORTO - LISBOA - ALGARVE

HORÁRIO

Expresso via: Melgaço - Arcos de Valdevez - Braga - Porto - Lisboa

| LOCALIDADES | | | | | | | |
|-------------|-------|-------|---------|------------------------|---------|-------|-------|
| 7.00 | 15.00 | 19.15 | Partida | S. Gregório | Chegada | 20.25 | 23.00 |
| 7.45 | 15.15 | 19.30 | | Melgaço | | 20.10 | 22.50 |
| 8.15 | 15.45 | 20.05 | | Monção | | 19.40 | 22.20 |
| 9.10 | 16.30 | 21.00 | | Arcos de Valdevez | | 18.55 | 21.35 |
| 9.15 | 16.40 | 21.15 | | Ponte da Barca | | 18.45 | 21.25 |
| 9.50 | 17.10 | 21.45 | | Vila Verde | | 18.15 | 20.55 |
| 10.15 | 17.25 | 22.00 | | Braga | | 18.00 | 20.40 |
| 10.35 | 17.45 | 22.30 | | Vila Nova de Famalicão | | 17.25 | 20.05 |
| 11.25 | 18.48 | 23.15 | Chegada | Porto | Partida | 16.30 | 19.10 |
| 13.00 | 19.00 | 24.00 | Partida | Porto | Chegada | 15.00 | 17.00 |
| 13.15 | 19.15 | 00.15 | | Madalena | | 14.40 | 16.40 |
| 14.40 | 20.40 | 01.40 | | Coimbra | | 13.30 | 15.30 |
| 16.00 | 22.00 | 03.00 | | Leiria | | 12.30 | 14.30 |
| 17.00 | 23.00 | 04.00 | Chegada | Lisboa | Partida | 11.00 | 13.00 |

HORÁRIO

Expresso via: Melgaço - Valença - Viana do Castelo - Porto - Lisboa

| LOCALIDADES | | | | | | | | | | | | |
|-------------|-------|-------|-------|-------|---------|-----------------------|---------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 7.20 | 12.00 | 5.30 | 20.00 | 20.00 | Partida | Castro Laboreiro | Chegada | 4.15 | 22.05 | 14.35 | 18.30 | 3.20 |
| 8.00 | 12.30 | 6.00 | 20.30 | 20.30 | | Melgaço | | 3.30 | 21.35 | 13.55 | 17.50 | 2.50 |
| 8.20 | 12.50 | 6.30 | 21.00 | 21.00 | | Monção | | 2.50 | 21.05 | 13.35 | 17.30 | 2.30 |
| 8.35 | 13.05 | 6.45 | 21.15 | 21.15 | | Valença | | 2.30 | 20.50 | 13.20 | 17.15 | 2.15 |
| 8.45 | 13.15 | 7.00 | 21.25 | 21.25 | | Vila Nova de Cerveira | | 2.15 | 20.35 | 13.10 | 17.05 | 2.05 |
| 8.55 | 13.25 | 7.10 | 21.35 | 21.35 | | Caminha | | 2.00 | 20.25 | 13.00 | 16.55 | 1.55 |
| 9.10 | 13.35 | 7.20 | 21.45 | 21.45 | | Vila Praia de Ancora | | 1.50 | 20.15 | 12.50 | 16.40 | 1.40 |
| 9.30 | 13.55 | 7.35 | 21.55 | 21.55 | | Viana do Castelo | | 1.35 | 20.00 | 12.20 | 16.20 | 1.20 |
| 9.50 | 14.15 | 7.55 | 22.15 | 22.15 | | Esposende | | 1.15 | 19.40 | 12.05 | 16.00 | 1.00 |
| 10.00 | 14.25 | 8.10 | 22.30 | 22.30 | | Póvoa de Varzim | | 1.00 | 19.25 | 12.00 | 15.50 | 00.50 |
| 10.20 | 14.50 | 8.20 | 22.40 | 22.40 | | Vila do Conde | | 0.50 | 19.20 | 11.40 | 15.30 | 00.30 |
| 10.30 | 15.05 | 8.35 | 23.05 | 23.05 | | Matosinhos | | 0.30 | 19.00 | 11.25 | 15.15 | 00.15 |
| | | 8.45 | 23.20 | 23.20 | Chegada | Porto | Partida | 0.15 | 18.45 | 11.25 | 15.15 | 00.15 |
| 11.00 | 17.00 | 9.00 | 24.00 | | Partida | Porto | Chegada | 24.00 | 17.00 | 15.00 | 23.00 | |
| 11.15 | 17.15 | 9.15 | 24.15 | | | Madalena | | 23.40 | 16.40 | 14.40 | 22.20 | |
| 12.40 | 18.40 | 10.40 | 01.40 | | | Coimbra | | 22.30 | 15.30 | 13.30 | 21.30 | |
| 14.00 | 20.00 | 12.00 | 03.00 | | | Leiria | | 21.30 | 14.30 | 12.30 | 20.30 | |
| 15.00 | 21.00 | 13.00 | 04.15 | | Chegada | Lisboa | Partida | 20.00 | 13.00 | 11.00 | 19.00 | |

INFORMAÇÕES

EFFECTUAM-SE: A - 2ª a 6ª feira, excepto Feriados e 2ª feira de Páscoa
 MELGAÇO - ALTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA - Telef. 42157
 MONÇÃO - ALTO VIAÇÃO MELGAÇO, LDA - Largo da Estação - Telef. 52606
 VALENÇA - CENTRO COMERCIAL FARRUCO - AGÊNCIA DE VIAGENS «JUMBO» - Telef. 22646
 VIANA DO CASTELO - CONFEITARIA PINGO DE MEL - Em frente à Igreja do Carmo
 PÓVOA DE VARZIM - QUIOSQUE ARMANDO - Telef. 627086
 PORTO - CAIMA TRANSPORTES - Rua das Carmelitas, 32 - Telef. 318718 - 318668 - Telex 27369
 LISBOA - Rua dos Bacalhoeiros, 16 - C (Campo das Boaias) - Telef. 874942 - 875061 - Telex 62610
 Arcos - Rodovia do Caíma 66940
 Braga - E. Hoteliers do Gerez 22033

EFFECTUAM-SE: A - De 2ª a 6ª feira, excepto - Feriados e 2ª feira de Páscoa
 B - Aos Sabados, Domingos e Feriados
 C - As 6as feiras, quando coincidir com feriados, sera antecipado para a 5ª feira.
 D - Aos Domingos e Feriados
 E - As 2ª Feiras e dias seguintes a Feriados

OBS: Só é efectuada a passagem por Coimbra às 6ª feiras, Domingos e Feriados;
 De 3ª a 5ª feira o percurso é directo entre PORTO - LEIRIA - LISBOA

Auto Viação Melgaço Lda.

MELGAÇO - VIAGENS - TURISMO

A SOLUÇÃO DINÂMICA

Notícias do Rio de Janeiro

Os irmãos Silva, de Remoães, voltaram do passeio anual à terra. Contaram maravilhas de Portugal e de Melgaço. Mas, do Pêso... Coitado do Pêso. O António Ranhada telefonou-me pedindo para que continuasse a dar duro em cima das autoridades e dos residentes no Pêso. Ele não se conforma com o abandono «criminoso» a que está relegada aquela estância. Se eu publicasse metade do que ele disse, iríamos os dois parar na cadeia. Está sugerindo, até, uma revolução armada... É isso mesmo! Muitas pessoas seriam eliminadas sumariamente, a começar pelo tal Sr. Sousa Cintra...

Falando seriamente, o caso Pêso tornou-se um escândalo. Não apenas nós, também melgacenses residentes noutras paragens tem-se manifestado.

O nosso jornal tem sido a trincheira onde a consciência bairstista resiste heroicamente. O Sr. Francisco Sampaio acenou-nos com um projecto mirabolante. Onde está? Seria mais uma conversa de banquete? Ninguém vai tomar vergonha?

O Ventura mandou dizer que, como fazem habitualmente, este ano teve o passeio a pé. Em Agosto, ele, o Augusto, o Adolfo, o José, o Renato e a Elisa, foram de carro até Lamas e voltaram a pé por Pernidelo, Jugaria, Fiães, Vila do Conde, Cavaleiros e Vila. Em Setembro, novamente ele, o José, a Elisa, o Renato, o Joel e a Teresa, estes, netos do Zé Soutulho, foram de carro até Barreiros, Castro La-

boreiro, e daí voltaram a pé por Ribeiro de Baixo, Pousios, Ribeiro de Cima, Entalada, Maréco, Ameijoeira, Bago de Baixo, Bago de Cima, Curveira, Bico, Cainheiras, Varziela e Vila de Castro Laboreiro. Ainda em Agosto, numa prova de grande resistência, foram a pé à Peneda desde a Vila de Melgaço. O mesmo itinerário que faziam os nossos avós. Foram pela estrada passando pelos lugares tradicionais: Carpinteira, Sante, Pomares, Cubalhão, Lamas de Mouro, Lagarto e Peneda. Levaram seis horas e quarenta minutos. A equipa era de grandes «fundistas»: o Adolfo, o Ventura, a Rita (a sobrinha) e o marido Francisco. Estes passeios que nada têm de novo nem de extraordinário, aparentemente, são uma grande sugestão para os Melgacenses quando forem de férias, conhecerem melhor o nosso concelho que é o mais bonito do mundo. Passeios a pé pela serra dão saúde e mostram-nos cenários maravilhoso que são nossos e nós não conhecemos.

Quando eu for aí vou organizar grandes excursões a pé, por todo o concelho. Vocês aí vão se preparando e o Ventura que me reserve três pares de alpargatas.

A turma daqui estava-me cobrando um novo encontro e já está programado. No domingo, 11 de Novembro, na Casa do Minho, vai tar o segundo encontro dos Melgacenses do Rio de Janeiro. Vai ser mais uma grande confraternização. Alegria não vai faltar. Vamos ver se este ano os faltosos do

ano passado dão o ar da sua graça. Atenção pessoal do Rio e de outras cidades ao redor:

DOMINGO, 11 DE NOVEMBRO, NA CASA DO MINHO, A PARTIR DAS 11 HORAS, GRANDE CONFRATERNIZAÇÃO DOS MELGACENSES. ALMOÇO E VÁRIAS ATRACÇÕES DURANTE A TARDE. A MAIOR ATRACÇÃO SEREMOS NÓS. RESERVAS NA CASA DO MINHO, TELEFONE: 205-4698 E 225 - 1820; OU COM O IGREJAS, TEL: 393 - 4568. COMPAREÇA E TRAGA TODA A FAMÍLIA E AMIGOS. SE FALTAR, AZAR O SEU!

E aí de Melgaço, se alguém quiser dar-nos a honra de sua presença, será recebido com o maior carinho do mundo.

O Joaquim Fernandes da Cunha Gomes, natural de Carvoeiro, Barroelas, foi agraciado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro com o título de cidadão Fluminense. É mais um minhoto que tem reconhecidos os seus méritos de empresário que muito tem contribuído para o progresso desta terra. Emigrante como todos nós, começou do nada e actualmente, de sociedade com o irmão e o filho, têm uma das maiores fábricas de móveis de estilo, desta cidade, «Móveis Viana». O acto foi muito concorrido e mais tarde, na Casa do Minho, ofereceu um requintado coquetel aos seus inúmeros amigos. Parabéns a este português que muito dignifica a sua terra.

Esta semana teve eleições e na hora em que escrevo estão sendo apurados os resultados. Governadores de Estado, Deputados Federais e Deputados Estaduais vão ser substituídos ou reeleitos. A democracia por aqui se firmou, tudo tem sido feito com a maior liberdade. De registrar a candidatura de muitos portugueses natos, alguns dos quais serão eleitos indubitavelmente. Portugueses descendentes, então, são quase a totalidade, mas estes, mercê duma deturpada educação, nem sempre reconhecem essa qualidade. Esperamos que no futuro a coisa se modifique; a actual geração de jovens lusos-descendentes estão tendo uma maior convivência com as coisas portuguesas e assumindo a sua ascendência.

Ainda sobre eleições, as próximas à Assembleia da República aí em Portugal, vão ter um candidato representante dos emigrantes, gente nossa. Das outras vezes apreciavam por aqui elementos estranhos, muito competentes embora, mas desconhecendo o que nós portugueses destas bandas pensamos ou necessitamos, pleiteando o nosso apoio. Desta vez temos um candidato próprio, ou melhor, uma candidata.

A Dr^a Ofélia Maria Lapo Guerreira, é uma emigrante que aqui chegou muito jovem com seus pais. Estudou, formou-se em advocacia e há bastantes anos é funcionária do Consulado Geral de Portugal, aqui no Rio de Janeiro. Competente além de muito sim-

pática, conhecedora profunda das necessidades da comunidade, é uma pessoa sob medida para ocupar a cadeira na Assembleia.

O Fernando Alves ficou radiante com o material que recebeu da Câmara Municipal através do Ventura. Continua empolgado com as pesquisas que anda fazendo sobre a história de Portugal e sobre Melgaço. No programa de rádio que participa, não perde oportunidade de elevar a sua (nossa) terra que está ficando popularríssima neste lado do oceano. Com tudo isso está surgindo um problema doméstico para ele, não tem mais espaço para acumular os livros, aos montões, que compra nos sebos.

O José Silva, Zéca da Albertina, telefonou-me querendo saber quem era o rapaz que falava sobre Melgaço na rádio. Ficou comovido quando lhe disse que se tratava do filho do António do Soqueiro, dos Bouços, que tinha sido rapaz do seu tempo lá em Prado.

Estou chegando ao final do livro «O Meu Livro das Gerações Melgacenses» do Dr. Augusto Cesar Esteves. Levou três meses mas li-o com atenção e fiz diversas anotações. Naturalmente que dentre-meio li outros livros mais amenos. Sobre a obra do Dr. Augusto Esteves, gostaria de transcrever alguns trechos. Ventura, pede autorização a quem de direito.

Rio, 5 - 10 - 990
M. Igrejas

O ZÉ TRINGUILHETO

Por M. Igrejas

Existiu na vila de Melgaço uma figura popular que pode ser considerada como folclore local. Nasceu no século passado e viveu até meados do presente. Criatura humilde, bonachão, trabalhador, afável e muito simpático, era o ZÉ TRINGUILHETO.

Gozava da estima e amizade de toda a população. Conhecido contador de casos arresvados, sempre tinha uma estória nova acontecida com ele. Era dono de uma imaginação fertilíssima, criador das mais inverosímeis situações, revestidas de detalhes pitorescos, temperadas com muito bom humor.

Acho que não sabia escrever. Se soubesse e tivesse posto no papel tudo quanto seu engenho inventava, seria um escritor mais famoso que o autor das «Aventuras do Barão de Munchausen» e outros escritores de ficção.

Quando eu era garoto, o Tio Zé, já idoso e sempre o conheci assim, era o varredor da nosa Vila. Vivia com a Cacilda.

A Tia Cacilda Cuca, irmã do Ilídio Cuco e outros, tinha dois filhos, o Umberto e a Aurora, frutos do namoro com um tal Tónico que lhe fez o favor e se abalou para o Brasil deixando-a mãe solteira. O Zé Tringuilheto assumiu a paternidade e ajudou-a a criar os filhos e a outros «Cucos» sobrinhos da Cacilda. Já no fim de seus dias casaram pela Igreja, graças ao Padre António. O Padre António de Jesus Rodrigues, logo que foi destacado para pastorear a freguesia da vila, no início de sua carreira sacerdotal, encontrou uma calamitosa situação de inúmeros casais amigados. Propôs-se a regularizar a indigna condição que contrariava a tradição religiosa da terra.

Conseguiu. Nenhum casal da freguesia de Santa Maria da Porta ficou sem a bênção do casamento do matrimónio.

Mas voltando ao Tio Zé: no final dos anos quarenta foi reformado da sua função municipal tendo passado o cargo de varredor ao Camilo da Picóta. Este, o Camilo Costa Velho, era um rapazão e tanto. Além do físico avantajado, atlético, tinha um rosto muito simpático. Um dia, numa obra do Sr. Lima (o Lima azeiteiro), quando preparava um tiro para explodir uma pedra, houve um acidente e perdeu uma das mãos. Entre a gente da nosa terra

as desgraças sempre se resolveram a contento. Após curar o ferimento e adaptar um gancho de ferro que lhe permitia fazer quasi todas as tarefas, deram-lhe aquele cargo de funcionário municipal que equivaleu a uma indemnização.

Naquele tempo a feira da vila era aos sábados e desenvolvia-se no terreiro (Praça da República). Os tendeiros armavam as suas tendas no meio e os lavradores ou quem quer que tivesse algum produto para vender, ao redor, no passeio. Só o peixe era vendido na Feira Nova, no mercado e também o gado, em frente à Câmara.

Nos domingos, ao romper do dia, a faina do Tringuilheto era varrer a sujeira que ficava no Terreiro, rescaldo da balburdia da feira. O Tio Zé era conhecido pela alcunha da família, «Os Tringuilhetos». Devia ter outro nome, claro que tinha, José de qualquer coisa, mas confesso que não me lembro.

Pois nos domingos de manhãzinha, ao varrer o Terreiro, costumava ter a companhia de alguns rapazotes, não para o ajudar mas para revolverem o lixo onde encontravam perdidos da feira. Molhas, colchetes, alfinetes, agulhas e outras miudezas que no afã de compra e venda escapavam das mãos e se per-

diam no chão. Era raro, mas às vezes também apareciam moedas de tostão, dois tostões e até cinco tostões. Uma vez um rapaz achou uma moeda de cinco coroas. Para um garoto isso era uma fortuna.

Era o salário de um dia dum trabalhador da Resineira. Para terem ideia, naquele tempo um petim de trigo custava dois tostões e uma malga de vinho de meio quartilho, quatro tostões. Enquanto varria e apanhava o entulho para a carretilha, o Tio Zé ia contando para os rapazes.

«É o que vos digo: O nosso rio Minho já foi rio. Quando eu era rapaz, aquilo sim, pescava-se de tudo. Um dia, estava com a minha cana sentado no muralhão do Louridal, esperando algum sável ou salmão pegar na isca do anzol mas, qual nada, parecia que todos os peixes tinham ido a alguma festa na Espanha.

Já era tardinha e bastante arreliado resolvi vir embora. Puxo a linha mas ela não veio, estava presa nalguma coisa no fundo do rio e era coisa grande. Puxo que puxo e nada. Carambas, aquilo estava dando-me cisma. Pensei que podia cair no rio se fizesse muita força. A linha não ia rebentar, as minhas linhas eram feitas com muita arte e não rebentavam nunca. Notei que puxando de lado a coisa movia-se. Então fui puxando com força mas com cuidado. Fui indo, fui indo, até descer do muralhão. Ali em baixo, na areia e no meio dos seixos, podia usar toda a minha força que não corria o risco de me enfiar no rio. E assim fiz. Rapazes, não vos digo nada. Quasi estourei de tanta força que fiz, mas consegui.»

Continua no próximo número.

